

Estranheza

Alfredo José Mansur¹

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil

O ambiente contemporâneo dispõe de recursos que permitem a rápida e abundante troca de dados e informações, que pode chegar às raias da saturação. Foi sugerido que o excesso de informação pode afetar negativamente a capacidade de decisão: a curva da relação entre quantidade de informação e capacidade de decisão assumiria a forma de “U” invertido.¹ Nesse contexto, situações cotidianas podem vir a ser menos percebidas, de relevância atenuada e, talvez, até mesmo banalizadas. A percepção inicial pode ser desencadeante de processos decisórios.¹ Nesse caso, a atenuação das percepções nas suas variadas formas, inclusive na alta velocidade e tempo curto de julgamento, pode influir na capacidade decisória.

Mas às vezes centelhas de experiência geradas pelas artes ou por artistas trazem nova luz a posturas que vieram a se acostumar. Um quadro ou o detalhe específico da obra, uma música ou a sutileza de uma nota ou acorde, um verso ou a declaração de um artista pode irromper e mobilizar certa indiferença ou acomodação cotidiana. Um artista popular registrou curiosa experiência frente a livros na livraria. Em entrevista, contou “(...) E os livros, que eu passei a não ter falta de interesse em comprar, ainda ficava com aquela vergonha de chegar na livraria e parecer que os olhos estavam virados para mim, que estava entrando num lugar que não era meu, onde eu não tinha o direito de entrar...(...)”.² Uma forma de sentir-se fora de casa, que assume para alguns pensadores um caráter primordial, existencial.³ Estranheza.

O substantivo feminino *estranheza* é dicionarizado com múltiplas acepções, entre elas: 1) caráter diferente, singular, incomum de alguém ou de algo; bizarria, singularidade; 2) por extensão, sensação, impressão mais ou menos desconfortável de uma pessoa diante desta diferença, desta singularidade; 3) pasmo, surpresa, desconfiança diante de algo impensado ou imprevisto; 4) o mesmo que esquivança; 5) na física de partículas número quântico associado à presença do quark “s” na constituição de certas partículas cuja vida média observada experimentalmente é maior do que se esperaria teoricamente (do inglês *strangeness*).^{4,5}

O adjetivo *estranho* é igualmente rico de acepções: 1) que ou o que é esquisito, que ou que se caracteriza pelo caráter extraordinário, excêntrico; 2) que ou o que é de fora, que ou que é estrangeiro; 3) que ou causa espanto ou admiração pela novidade, desconhecido, novo; 4) que de alguma forma foge aos padrões de uso, aos costumes estipulados pela sociedade; 5) que não se conhece ou reconhece; que desperta sensação incômoda de estranheza; 6) que não faz parte de, que não pode ser identificado ou relacionado com; 7) que se esquiva que foge ao convívio; 8) misterioso, enigmático, que levanta suspeitas. A etimologia remete ao latim, *extraneous, a, um*, “que é de fora”, registro a partir do século XIII.⁴

Um dos antônimos é a banalidade, o corriqueiro, a familiaridade, ser fora de época, sem sabor, tedioso.⁶ Tantas acepções dão estofa a possibilidades de se evitar a mesmice, o anódino,

¹ Livre-docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brasil. Diretor da Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP, São Paulo (SP), Brasil.

² <https://orcid.org/0000-0002-6904-3039>

Endereço para correspondência:

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 44 — São Paulo (SP) — Brasil — CEP 05403-000
Tel. InCor (11) 2661-5237 — Consultório: (11) 3289-7020/3289-6889
E-mail: ajmansur@incor.usp.br

Fontes de fomento: nenhuma declarada. Conflito de interesse: nenhum declarado.

Entrada: 21 de novembro de 2021. Última modificação: 7 de dezembro de 2021. Aceite: 7 de dezembro de 2021.

a banalização. Portanto, não é surpreendente que o termo de tão amplas acepções e campos de significado faça parte da experiência cotidiana dos que procuram os cuidados com a saúde e dos profissionais que os recebem. Com o reparo de saber que há tantos e aprofundados estudos a respeito,⁷ seguem reflexões nascidas da lida terapêutica.

Pacientes – não é surpreendente que os pacientes quando procuram os serviços de saúde possam experimentar um pouco de estranheza. Estranheza pelo fato de estarem com alguma insegurança ou sintoma outro (razão da procura); por estarem submetidos a um tipo de ambiente não familiar (fatores ambientais), não convencional, estarem sendo submetidos a um tipo de avaliação estruturada em uma linguagem profissional e não necessariamente coloquial, que pode desencadear interpretações e intervenções, além de algumas vezes o timbre industrial, inerentes a alguns processos. Um paciente pode sentir-se estranho em uma unidade de terapia intensiva e contrapor a sua percepção à percepção de profissionais no seu entorno. Uma forma de sentir-se fora de casa, que assume para alguns um caráter primordial, existencial, de esvaziar identitário.³ Está claro que faz parte da dimensão profissional e institucional reconhecer essa estranheza e atenuá-la por meio de acolhimento, da terapêutica e outros cuidados profissionais aplicáveis. A experiência pode fazer parte da prática. Vigoraria a acepção por extensão, de sensação, impressão mais ou menos desconfortável de uma pessoa diante desta diferença, desta singularidade que em geral é manifesta, seja nos ambulatórios, seja nas unidades de terapia intensiva, seja em ambientes de exames complementares mais ou menos complexos. Diferenças como organizadoras lógicas.⁸

Médicos e profissionais de saúde – Médicos experientes quando se deparam com situações singulares podem

cogitar: “estranho”! Às vezes, professores de Medicina o fazem de modo pedagógico, incitando os alunos a revisões de observação ou reflexões adicionais. Um médico, que era excelente professor, durante o treinamento com os alunos e médicos residentes, muitas vezes quando se deparava com um achado, recebia a informação com a ponderação “estranho!” – no caso, a acepção “misterioso”, “enigmático”, “que levanta suspeitas” (no caso, suspeitas clínicas). Era também o modo de pasmo, surpresa, desconfiança diante de algo impensado ou imprevisto, como pode acontecer muitas vezes na prática médica e dos profissionais de saúde. E não incorrer no banalizar do “já sabido”.

Nesse contexto, o reconhecimento da estranheza (ou do que é estranho) pode ser uma etapa hermenêutica de reconhecimento da singularidade, da identidade, da individualidade, seja da apresentação de um quadro clínico, seja de um achado de exame físico, seja do achado de exame complementar, seja de uma resposta terapêutica. Aqui as numerosas acepções disponíveis fundamentam tal enfoque - caráter diferente, incomum de alguém ou de algo, singularidade. Nesse sentido, o reconhecimento da singularidade é também uma manifestação de respeito e reverência, humildade, sem incorrer na pretensão de aplinar toda a experiência de um *framework* de massa, industrial, não individual. Além de potencialmente ser a oportunidade de uma descoberta científica original. Talvez a conciliação do sentir-se “estranho” de pacientes conciliado com o empenho profissional de lidar com o individual, incluindo mesmo o insólito, possa ser uma excelente harmonização terapêutica: o admirar-se aristotélico (“*thaumazein*”).⁹

Desse modo, encerramos essas reflexões, sem esquecer que a experiência e o conhecimento dos colegas podem ampliá-las e aprofundá-las sensivelmente.

REFERÊNCIAS

1. Roetzel PG. Information overload in the information age: a review of the literature from business administration, business psychology, and related disciplines with a bibliometric approach and framework development. *Bus Res.* 2019;12:479-522. <https://doi.org/10.1007/s40685-018-0069-z>
2. Lago BC. Umas palavras. 15 entrevista memoráveis. Rio de Janeiro: Editora Capivara; 2012.
3. Heidegger M. *Sein und Zeit*. 11th ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag; 1967.
4. Houaiss A, Villar MS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
5. Britannica. Murray Gell-Mann: Biography. Disponível em: https://www.britannica.com/biography/Murray-Gell-Mann#ref90970_. Acessado em 2021 (Nov 22).
6. Merriam Webster online. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/thesaurus/strangeness>. Acessado em 2021 (Nov 22).
7. Melo SV. Alienação (Entfremdung) e Estranheza (Fremdheit): dois paradigmas culturais do Ocidente. *Pandaemonium Germanicum*. 2011;17:1-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/38097>. Acessado em 2021 (23 nov).
8. Cassirer E. *The philosophy of symbolic forms*. Volume II. *Mythical thought*. New Haven: Yale University Press; 1955.
9. Aristoteles. *Metafísica*. 2ª ed. Madrid: Gredos; 1982.